

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Alexandre de Moraes tem todos os predicados para compor o STF"

(De Gilmar Mendes em livre e espontânea articulação)

Celso de Mello, caso negue posse a Moreira Franco, cometerá a mesma ilegalidade do colega Gilmar



O risco Gilmar Mendes

► **O ministro que impediu a posse de Lula na Casa Civil de Dilma avança inexoravelmente para tornar-se maior do que o próprio Supremo**

Gilmar Mendes deixou o Supremo Tribunal Federal em palpos de aranha ou, traduzindo em gíria talvez ainda moderna, meteu a Corte numa fria. Embora esta não seja a primeira vez, a situação de agora traz mais incômodo e caberá a Celso de Mello, decano da Corte, encontrar uma saída para ela.

Mello vai julgar a nomeação de Moreira Franco para a Secretaria-Geral da Presidência. Encalacrado nas denúncias da Lava Jato, Moreira foi blindado por Michel Temer com o status de ministro e, assim, ganhou julgamento em foro privilegiado.

Em 2016, Mendes tomou a decisão de atender a mandados de segurança, apresentados pelo PPS e PSDB, contra a nomeação do ex-presidente Lula para chefiar a Casa Civil no governo Dilma. Suspendeu a nomeação, em caráter liminar, a pedido desses dois partidos de oposição. Em seguida, pediu vista. Posteriormente, ele afirmaria: "O objetivo da falsidade é claro: impedir o cumprimento de ordem de prisão de juiz de primeira instância".

Naquele momento, Lula não era réu nem havia sido condenado em qualquer ação penal. Não havia impedimento jurídico para o ex-presidente ser nomeado.

O ministro Celso de Mello, de qualquer forma, está diante do seguinte problema: a bem da equidade com a

decisão anterior terá de cometer a mesma ilegalidade cometida por Gilmar. Caso contrário, mantendo a nomeação de Moreira Franco, vai expor os erros de Mendes e a forma que usou para atropelar a Constituição. A decisão de Gilmar foi uma brutal interferência do Judiciário nas ações do Poder Executivo. Além de tudo, como anotaram os advogados do ex-presidente, o ministro do Supremo "ofendeu a prerrogativa constitucional" dos presidentes de poder nomear os ministros.

Recentemente, os advogados de Lula voltaram à carga. Encaminharam ao STF um pedido para o plenário da Corte corrigir o "erro histórico" provocado por Gilmar Mendes contra Lula.

Gilmar tem visitado Temer com uma frequência surpreendente. Nem sempre sob os olhos do povo. Isso pode torná-lo o ausente mais presente nas atividades políticas do governo.

A comprovação das reuniões entre o Judiciário e o Executivo está no encontro ocorrido no Palácio do Jaburu, no fim de janeiro. Até se tornar uma versão acreditável, e talvez isso nunca aconteça, a curiosidade tornará inevitável voltar a especular sobre a pauta daquele encontro entre Michel Temer, Gilmar Mendes e Moreira Franco.

No calor do fim do mês de janeiro, à sombra de uma árvore do Cerrado, de que falavam? Sobre quem falavam? Ou, quem sabe, o que tramavam? Alguma articulação para frear a Lava Jato?

A presença de Mendes, que, no momento, acumula a presidência do Tribunal Superior Eleitoral, favorecia várias versões. A mais branda delas seria a busca de informações sobre nomes capazes de suprir a ausência de Teori Zavascki, morto dias antes em acidente aéreo. Não deu outra. Em novo encontro com Temer, o ministro Gilmar avalizou a indicação de Alexandre de Moraes para recompor o número de 11 juízes do STF.

Se puder, Gilmar Mendes, de grão em grão, tornará o Supremo Tribunal Federal menor do que ele próprio. •



"Botafogo" e "Índio"
entendem-se à perfeição

Sintonia fina I

Rodrigo Maia, na primeira entrevista como presidente da Câmara, deixou as coisas politicamente claras.

A pauta será francamente reacionária.

E sinaliza para os 400 deputados da base governista: "A maioria será atendida".

Definição nesse mesmo caminho fez o presidente do Senado, Eunício Oliveira.

Mordeu a jugular dos que esperavam por freio no abuso de poder.

"É importante, mas não é tão urgente."

Sintonia fina II

Maia e Eunício estão sintonizados inclusive no contencioso da Lava Jato. Os delatores de ambos, ex-diretores da OAS e da Odebrecht, já falaram demais.

Amarelou

Michel Temer não pôs o pé em Minas Gerais para prestar solidariedade às famílias das vítimas da febre amarela.

O número de mortos já ultrapassa 60 pessoas.

Para ir a Minas seria preciso que ele se vacinasse, dando bom exemplo aos moradores das áreas afetadas.

Temer não reagiu à espetada da agulha. Fugiu, sim, de um estado com mais de 20 milhões de habitantes governado pelo petista Fernando Pimentel.

Decisões como a de Temer servem aos interesses políticos do tucano mineiro Aécio Neves.

Michel Trump

Eis uma visão recente do Brasil pelo olho cego do *Washington Post*:

"Em um grande país multiétnico construído por imigrantes e escravos, um líder masculino branco septuagenário está montando uma reação direitista depois de uma era de governo esquerdista... Seu sobrenome de cinco letras começa com um 'T'. Mas é Temer e não Trump".

No relato americano, a história passa ao largo do golpe.

Temer não é um "populista como Trump".

Trump, naquilo que entende como interesse da sociedade americana é, de longe, melhor.

O Brasil, segundo o jornal, estaria "à espera de um populista".

Populismo, para o jornal, é uma referência medrosa, preocupada com a eleição de 2018. O "populista" Lula, fator preponderante do processo eleitoral, não é mencionado.

O *Post* também teme que o operário volte ao poder.

O "xis" do problema

É uma farsa política, tramada no Planalto, botar a reação à indicação do tucano Alexandre de Moraes para o STF na conta do fator partidário.

Na história do Supremo há nomes expressivos partidariamente à esquerda, como Evandro Lins e Silva (PSB), e à direita, como Aliomar Baleeiro (UDN).

É fácil buscar exemplo. Difícil é fazer comparação.

Na mosca

Bandeira de Mello, integrante de um seleto grupo de juristas brasileiros, ao tomar conhecimento dos desatinos postados por internautas sobre a morte da ex-primeira-dama Marisa Letícia, desabafou: "A classe média alta é constituída por uma escória, uma ralé".

mauriciodias@cartacapital.com.br